

ASPECTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ARTE DA LINGVA DE ANGOLA DE PEDRO DIAS DE 1697 E NA GRAMMATICA ELEMENTAR DO KIMBUNDU OU LINGUA DE ANGOLA DE HÉLI CHATELAIN (1888/89)¹

Jorge Viana de MORAES²

RESUMO: Este trabalho visa a investigar a variação linguística presente em duas obras de referência do quimbundo: a primeira publicada no fim do século XVII, em 1697 em Lisboa, Portugal, trata-se de *Arte da Lingva de Angola* de Pedro Dias, S.J, mas que, segundo Rosa (2013), foi escrita no Brasil pelo referido jesuíta, não se sabendo exatamente em qual localidade: se no Colégio do Rio de Janeiro, ou em Recife, Pernambuco, ou na Bahia. Em uma obra resumida, Pedro Dias apresenta um complexo sistema morfológico de classes, de concordância com todas essas classes, as exceções, o sistema verbal e as demais partes do discurso (ROSA, 2013, p. 40). A outra obra foi publicada no fim do século XIX, e, segundo verificamos, também apresenta descrições de variações no uso; refere-se à *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola* de Héli Chatelain, publicada em Genebra, Suíça, entre 1888 e 1889. Diante dessa constatação e fundamentados, principalmente nos trabalhos de Dias (1697), Chatelain (1888/89) e Rosa (2013), partimos da hipótese de que o registro de tal variação não denota a descrição de uma *língua geral* ou *língua franca*, conforme entendiam alguns autores da nossa tradição linguística (cf. CÂMARA JR, 1965, p. 101), ao se referirem às artes jesuíticas em geral, antes, apresenta aspectos da variação descritos na *Arte* e na *Grammatica Elementar*. O trabalho está teoricamente vinculado à História das Ideias Linguísticas e à *Linguística Missionária*, subárea da Historiografia Linguística, para tanto está fundamentado em Rosa (2013), Colombat, Fournier e Puech (2010), Zimmermann (2004), Moraes (2015, 2017a, 2017b) e Auroux (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Arte da Lingva de Angola; Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola; Linguística Missionária.

-
- 1 Parte deste trabalho foi desenvolvido em Portugal em 2014, ano de minha estada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, em Vila Real, para a realização de estágio em Doutorado Sanduíche. Agradecemos publicamente à CAPES pelo suporte financeiro, registado sob o processo nº 13979/13-2, fornecido para o desenvolvimento dessa pesquisa.
 - 2 Doutor em História das Ideias Linguísticas pela Universidade de São Paulo, o autor é professor da disciplina (L1IDL) História das Ideias Linguísticas, no curso de Licenciatura em Letras e também das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São Paulo (IFSP-SPO). É membro do Comitê Científico para a área de Historiografia Linguística da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN; membro do comitê editorial dos Cadernos de Linguística (CadLin) da ABRALIN; membro do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL; Vice-líder do GT Gramáticas: história, descrição e discurso (USP-CNPq). Endereço eletrônico: <jorgevianamoraes@gmail.com >.

**ASPECTS OF LINGUISTIC VARIATION IN
ART OF THE LINGVA OF ANGOLA BY PEDRO DIAS OF 1697 AND IN THE ELEMENTARY GRAMMATICA OF
THE KIMBUNDU OR LINGUA OF ANGOLA BY HÉLI CHATELAIN (1888/89)**

ABSTRACT: This paper aims to investigate the linguistic variation present in two reference works of the Quimbundo: the first published at the end of the 17th century, in 1697 in Lisbon, Portugal, is *Arte da Lingva de Angola* by Pedro Dias, SJ, but According to Rosa (2013), it was written in Brazil by the Jesuit, not knowing exactly where: whether at the College of Rio de Janeiro, or in Recife, Pernambuco, or Bahia. In a brief work, Pedro Dias presents a complex morphological system of classes, in agreement with all these classes, the exceptions, the verbal system and the other parts of speech (ROSA, 2013, p. 40). The other work was published at the end of the nineteenth century, and, we find, also features descriptions of variations in use; refers to Héli Chatelain's *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola*, published in Geneva, Switzerland, between 1888 and 1889. In view of this, and based mainly on the works of Dias (1697), Chatelain (1888/89) and Rosa (2013), we start from the hypothesis that the registration of such variation does not denote the description of a *língua geral* (general language) or *língua franca*, as understood by some authors of our linguistic tradition (cf. CÂMARA JR, 1965, p. 101), when referring to Jesuitic arts in general, before, presents aspects of variation described in Art and Elementary Grammar. The work is theoretically linked to the History of Linguistic Ideals and Missionary Linguistics, a subarea of Linguistic Historiography, and is based on Rosa (2013), Colombat, Fournier and Puech (2010), Zimmermann (2004), Moraes (2015, 2017a , 2017b) and Auroux (2008).

KEYWORDS: Linguistic Variation. Art of the Lingva of Angola. Elementary Grammatica of Kimbundu or Lingua of Angola. Missionary Linguistics.

1. INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de “rehabilitación historiográfica”, defendida por Zimmermann (2004), segundo a qual, dentre outras importantes questões, “crea um espacio metahistoriográfico que consiste en la pregunta de cómo ha sido posible [...] el trabajo de los lingüistas misioneros” (ZIMMERMANN, 2004, p. 16), este artigo tem por objetivo apresentar aspectos da *variação linguística* na *Arte da lingva de Angola* (1697) do missionário jesuíta português Pedro Dias (1621-2 – 1700) e na *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola* (1888/89) do missionário protestante suíço Héli Chatelain (1859-1903).

O artigo está organizado em quatro seções: na primeira seção, apresentamos os pressupostos teóricos sobre os quais o trabalho está fundamentado: a Historiografia Linguística Missionária e a História das Ideias Linguísticas; depois (subitem 1.2.), expomos, ainda que de maneira abreviada, a metodologia adotada, bem como os procedimentos seguidos para a escrita do presente texto. Na segunda e terceira seções, apresentamos, respectivamente, de forma sucinta as características gerais da *Arte de Língua de Angola*, e da *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*; em cada uma dessas seções passaremos a abordar as obras analisadas, apresentando algumas informações a respeito de seus autores, assim como o contexto histórico-social de suas publicações, seguidos das descrições e análises dos aspectos da variação linguística encontrados nelas. A quarta e última seção refere-se a algumas considerações finais.

1.1 LINGUÍSTICA MISSIONÁRIA E A ARTE DE LÍNGUA DE ANGOLA

Visto sob tal perspectiva, *instrumentos linguísticos* (AUROUX, 1998) desse tipo vêm sendo estudados atualmente pela subárea da Historiografia Linguística denominada *Linguística Missionária*. Os trabalhos em *Linguística Missionária*, segundo aponta Rosa (2013, p. 40), vêm revisando nas últimas décadas “a crítica desfavorável às descrições missionárias” realizada por alguns autores da nossa tradição linguística (como Mattoso Câmara Júnior, 1965, p. 101), que entendiam que os “trabalhos missionários não descreveram a língua que afirmam ter descrito, mas uma *língua geral* ou *língua franca*”.

Com base em dados consistentes e argumentos sólidos, Rosa (2013) demonstrou que “a língua descrita por Pedro Dias, por exemplo, em nada se parece com um jargão ou um *pídigin*, uma língua de que os traços sem paralelo no português tivessem sido tirados” (ROSA, 2013, p. 40), enquanto *a Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, por sua vez, apresenta fortes indícios de que se tratava de uma língua que era falada, sobretudo, na capital Luanda, tendo algumas variantes, se comparada à variação que era falada no Sertão.

Sabendo, portanto, que ambas as obras, *a Arte de Língua de Angola* e *a Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, tratam-se da descrição de uma língua, neste caso o quimbundo, e como toda língua, também apresenta a variação, nosso trabalho, neste

sentido, centrar-se-á na descrição da heterogeneidade linguística dessa língua de Angola. Nossos argumentos se baseiam em dois critérios, que se traduzem em nosso procedimento metodológico: 1º. na observação externa dos testemunhos ou na observação da área dialetal em que a língua era falada (cf. CHATELAIN, 1888); 2º. na descrição dos gramáticos e comentários dos especialistas (cf. ROSA, 2013) acerca das variações e dos registros nas gramáticas compulsadas, a saber: a de Pedro Dias (1697) e a de Héli Chatelain (1888).

Não é nossa intenção aqui discutir o estatuto altamente controverso e discutível do conceito de língua, dialeto e falares. Ou, mais especificamente, se tanto a *Arte da lingua de Angola* de Pedro Dias quanto a *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola* de Héli Chatelain são, de fato, o quimbundo, uma *koiné* ou uma língua geral, ou variações, dialetos ou falares de outra língua. Até mesmo porque, segundo Angenot, Kempf e Kukanda (2011) a variante – o dialeto de Luanda –, que serviu de base para a descrição de ambas as gramáticas já não existe mais:

Quanto ao dialeto de Luanda, praticamente desapareceu, tendo sido substituído por falares que oscilam entre um kimbundu simplificado altamente aportuguesado e um português local significativamente kimbunduizado (ANGENOT, KEMPF, KUKANDA, 2011, p. 232).

Há também outra razão para deixarmos de lado essa discussão, que para os interesses deste trabalho são inócuos. Os autores acima apontam a ambiguidade do termo “kimbundu”, que designa tanto um grupo de línguas quanto uma língua particular. De acordo com Angenot, Kempf e Kukanda (2011), por um lado, o grupo kimbundu (H20) compreende as quatro línguas kimbundu, sama, bolo e songo, às quais alguns acrescentam o shinji (H35), o mbangala (H34), o kibala-ngoya e até mesmo o minungu. Por outro lado, especificamente,

Quanto à língua kimbundu *stricto sensu*, [esta] congrega muitas variantes dialetais nem sempre inteligíveis entre si (loanda mbundu, ngola, njinga, mbamba, mbaka, ndongo, mbondo, nkari, puna, son, pungu, musuko, swela, kidima, ntemo, bali, lengue, ngengu, quembo, sende, dembo, amboim), distribuídas entre as províncias de Luanda, Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul e Uige. Infelizmente, o kimbundu ainda carece de uma descrição científica rigorosa, com a exceção do esboço de Kukanda (1974) sobre o dialeto mbaka (ANGENOT, KEMPF, KUKANDA, 2011, p. 232).

Portanto, a *Arte de gramática* em tela, segundo entendemos, e seguindo a opinião desses especialistas, é a descrição do dialeto de Luanda, em que Pedro Dias, além de apresentar “um complexo sistema morfológico de classes, de concordância com todas essas classes, as exceções, o sistema verbal e as demais partes do discurso”, como bem demonstrou Rosa (2013, p. 40), apresenta também o registo da variação linguística na presente língua (ainda que sejam apenas alguns aspectos dessa variação) e não denota em nada a descrição de uma *língua geral* ou *língua franca*. O mesmo poderá ser dito de a *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola* de Héli Chatelain.

1.2 HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS E A ABORDAGEM DA HETEROGENEIDADE (VARIAÇÃO E MUDANÇA) LINGUÍSTICA PELAS GRAMÁTICAS

Talvez, mais importante do que expor essa primeira intenção, o objetivo agora seja ressaltar que uma das finalidades implícitas neste trabalho é contribuir com o entendimento, já defendido por nós em trabalhos anteriores e alhures (ver. MORAES, 2015, 2017a, 2017b) de que a variação está presente nas gramáticas.

Sabemos que para o historiador das ciências, a inscrição dos saberes linguísticos na história se faz de uma forma diferente das demais ciências. Nas ciências da linguagem, diferentemente do que ocorre nas ciências físicas, por exemplo, as continuidades parecem ser mais essenciais do que as rupturas. Isso porque, segundo Colombat, Fournier e Puech (2010), “uma disciplina tal como a gramática, [está] caracterizada, ao mesmo tempo, tanto pela ancianidade de sua origem quanto por sua orientação didática, presente no longo termo dos fenômenos notáveis de estabilidade e de reprodução marcantes³” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 241).

Conforme defendeu Moraes (2015, 2017a), é o que ocorre com a abordagem ao tema e ao tratamento de conceitos metalinguísticos relativos à variação e à mudança, que sempre estiveram presentes ao longo da história e da tradição gramaticográfica, uma vez que as

3 “No original: «une discipline telle que la grammaire, caractérisée à la fois par l’ancienneté de son origine et son orientation didactique, présente sur le long terme des phénomènes de stabilité et de reproduction remarquables».

variedades linguísticas são o próprio espelho da diversidade sociocultural, pois cada indivíduo torna-se, desse modo, detentor de uma competência comunicativa que reflete a complexidade e a variedade de situações sociocomunicativas das quais ele participa por ser membro de uma sociedade, seja no seio familiar ou na vida profissional, seja nas atividades culturais, religiosas ou de lazer.

Sabe-se que a variação é inerente à língua. Hipótese: se a variação é inerente à língua, a gramática reflete-a em seu corpo e poderá ser objeto de avaliação histórica, portanto, é natural que os *instrumentos linguísticos*, i.é., as gramáticas, de algum modo, tenham feito referências a ela.⁴ As gramáticas, “geralmente se apoiando sobre uma discussão do que seja ‘bom uso’ vai reduzir esta variação”, diz Auroux (1992, p. 69); entretanto, acrescentamos nós, como veremos, não vai apagá-la totalmente.

O que se conhece e se emprega nas situações concretas de comunicação são variedades de uma língua. Conforme, pois, aponta Azeredo, “ninguém, de fato, conhece uma língua na totalidade de seus usos, que são múltiplos” (AZEREDO, 2007, p. 35).

É importante salientar que essas premissas se cruzam com uma das tarefas propostas por Zimmermann (2004, p. 26), em um quadro teórico pré-estabelecido para o exercício da Linguística Missionária, que, conforme descrito por ele, deveria apresentar “estudios singulares sobre la aportación al conocimiento de las lenguas respectivas, logros y errores”, e neste caso especial, sobre os estudos “sociolinguísticos” dessa língua, inclusive com trabalhos já publicados na área (cf. ZIMMERMANN, 2004, p. 26)⁵. Apenas por uma questão de designação, acautelamo-nos com relação ao emprego do termo “sociolinguística”. Preferimos, neste caso, a perífrase *heterogeneidade linguística temporal, espacial e de uso*. Ou,

4 Conforme apontamos em Moraes (2017a, p. 1896) “seja como as entendemos hoje, como variação diacrônica, variação sincrônica: diatópica (ou dialetal geográfica), diastrática (ou variação sociocultural) e diafásica (registro ou variação de acordo com a situação de uso); ou, seja como, normalmente, elas vêm inscritas nas gramáticas em períodos anteriores: “os antigos diziam X”; “em épocas antigas”, “já não se diz Y”, “falares”, “provincianismos”, “modos de dizer”, ou, simplesmente, “variação”, “dialeto”; “barbarismos”, “solecismos”, “idiotismos”, “vícios de linguagem”, “corruptela”, “os rústicos dizem X”, “na fala do povo”, “o povo diz X”, “é vulgar empregar Y”, “o vulgo diz Y”, “calão”; ou ainda, “estilo”, “no estilo familiar”, “na fala descontraída”; “é erro dizer Y”, “falar vulgar” etc.

5 Verificar especialmente em Zimmermann (2004, p. 26-27 e 28) o Quadro 3: subdivisão das tarefas da Historiografia da Linguística Missionária na Iberoamérica (com algumas indicações bibliográficas a título de exemplo).

simplesmente, *fatos da variação*, por entendermos que a expressão *sociolinguística* esteja marcada demais como um campo e uma disciplina linguística surgida apenas em meados do século XX, enquanto que a *heterogeneidade linguística temporal, espacial e de uso* sempre esteve presente no *longo termo* dos fenômenos linguísticos e de suas descrições pelos diversos *instrumentos*. Por isso, toda vez que nos referirmos àquele termo o faremos entre aspas < “sociolinguística”> por se tratar de uma apropriação, já não diremos indevida, mas simplesmente deslocada no tempo e de seu contexto epistemológico original.

Do ponto de vista contextual histórico, político e social, ao que podemos simplesmente denominar *clima de opinião* (KOERNER, 1996), ou *air du temps* (SÉRIOT, 1999)⁶, a gramática de Pedro Dias foi escrita em pleno contexto da *Contrarreforma* ou *Reforma Católica*, que se estabeleceu no século XVI e se estendeu até o século XVIII. Ela é fruto, portanto, do trabalho de um jesuíta. Como se sabe, a Companhia de Jesus foi uma das mais importantes ordens religiosas e, no contexto da contrarreforma prestou importantes serviços à Sé Católica na propagação de sua doutrina e fé. Foi altamente expressiva, sobretudo, do ponto de vista da produção, por seus integrantes, de *instrumentos linguísticos*, como gramáticas e dicionários e de aquilo que podemos denominar *instrumentos eclesio-doutrinários*, como catecismos e missais, com o objetivo final de conversão e catequização das almas à fé católico-cristã.

Do ponto de vista estritamente linguístico, é uma obra ligada à tradição gramaticográfica greco-latina, que se estende à tradição gramaticográfica latino-portuguesa, orientada, inclusive, conforme o modelo descritivo de *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572), de outro jesuíta, o padre Manuel Álvares. Segundo Rosa (2013, p. 49), a *Arte da língua de Angola* “além de descrever os mecanismos de formação de vocábulos e construção de frases de uma língua desconhecida, servia também como um dispositivo de controle político e cultural e uma ferramenta para ajudar na tarefa de colonização e evangelização dos povos”. Embora o modelo para a descrição tenha sido o de Manuel Álvares aplicado ao latim e a

6 Ver SÉRIOT (1999, p. 23), que afirma o seguinte: “Admettons alors, de façon approximative, qu’il existe un “air du temps”, qui regroupe sous un même air de famille des courants de pensée contemporains en transcendant les limites des disciplines, ce que Goethe nommait le *Zeitgeist*, et Koerner, à la suite de Whitehead et Becker, le « climat d’opinions » (SÉRIOT, 1999, p. 23). [Admitamos, então, aproximadamente, que exista um “air du temps”, que reúne sob um mesmo ar de família correntes de pensamento contemporâneos que transcendem os limites das disciplinas, o que Goethe chamou de *Zeitgeist*, e Koerner, seguindo Whitehead e Becker, de “clima de opinião”].

metalíngua o português, a língua-alvo, ou a língua descrita, é o quimbundo, que, por sua vez, é uma língua banta, sem parentesco com o português ou o latim (ROSA, 2013).

Essas desarmonias linguísticas, por assim dizer, levaram, posteriormente, alguns autores, nomeadamente Desmond Cole, a afirmarem que o modelo descritivo da “linguística missionária católica dos séculos XVII e XVIII, mais do que a linguística missionária do século imediatamente seguinte, crescentemente protestante, tratou as línguas de modo comparável à cama de Procrusto”⁷ (ROSA, 2019, p. 59), isto é, “*procrustean linguistic methods*”. Conforme observa Rosa sobre essa crítica de Cole (op. cit.), “em outras palavras: o latim, tal como a cama de Procrusto, era a medida a que todas as línguas deveriam adequar-se”. A crítica, no entanto, não nos parece adequada, tendo em vista os importantes serviços que o modelo latino, ou melhor dizendo, a *Gramática Latina Estendida – GLE* (AUROUX, 1992) prestou à descrição linguística das diversas línguas ao redor do globo por longos séculos. Conforme já observou Auroux (op. cit.), esse quadro, ou modelo, não implica necessariamente generalização abusiva sobre a presença de categorias. Por isso, “encontramos gramáticas cujo capítulo sobre esta ou aquela parte do discurso se abre para a constatação que esta parte [...] não existe na língua considerada” (AUROUX, 1992, p. 78). Este é precisamente o caso da língua descrita por Pedro Dias na *Arte*. Diferentemente do que afirmou Ladislau Batalha (1856-1939), para quem Pedro Dias “imaginou descobrir na língua de Angola casos, declinações, syntaxe equivalente,” (apud ROSA, 2019, p. 75), na verdade, Pedro Dias (1697, p. 4) afirma que “Não tem esta lingua declinações, nem casos: mas tem sigular, & plural, verbi gratia. Nzambi, Deos. Gimzambi, Deoses”.

De igual modo, esta obra gramatical também apresenta questões relacionadas à variação, que, conforme já afirmamos, temos entendido como presentes nas gramáticas, implícita ou explicitamente, ao longo de toda a história da tradição gramaticográfica. Partindo desses pressupostos e explorando esse *corpus*, o trabalho apresenta importantes concepções sobre a variação linguística, incorporadas às obras e resultantes dos *horizontes de retrospectão* (AUROUX, 2008) de seus autores, bem como dos das próprias obras.

7 Rosa (2019, p. 59, n. 10) esclarece em nota que Procrusto é um “personagem mítico que matava suas vítimas ou pela amputação das partes do corpo que excedessem o comprimento de sua cama, ou, se fossem indivíduos pequenos, pelo estiramento longitudinal até que ficassem do comprimento da cama”.

Segundo Auroux (2008), o *horizonte de retrospecção* é o conjunto dos conhecimentos antecedentes que os sujeitos acionam toda vez que estão diante de uma atividade cognitiva qualquer, uma vez que o ato de saber (a produção de conhecimento) não existe sem relação com a temporalidade. Porque quando um sujeito se vê diante de atividades cognitivas para resolver, ou problemas para solucionar, seu conhecimento não é produzido em uma espécie de *cognitionis: hic et nunc* dessa atividade. Podemos dizer que embora ele emergja neste momento, sua construção se deu antes, foi produzida anteriormente a esta atividade cognitiva em questão. Ou, conforme também explicaram Colombat, Fournier e Puech (2010) retomando Auroux, “o historiador produz a informação sobre o sistema científico que constituem as ciências da linguagem e permite, portanto, expandir entre os pesquisadores, o que poderíamos chamar de seu ‘horizonte de retrospecção’” que é “a memória dos resultados, dos problemas, dos conceitos desenvolvidos antes deles” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13, traduzimos). É exatamente o que postulamos para os conhecimentos sobre a variação linguística produzida nas referidas gramáticas por seus respectivos autores e mesmo para os nossos contemporâneos: elas não se deram de forma instantânea. Ao contrário: estão apoiadas em outros autores, outras obras ou em outras observações, que são passadas adiante e estão explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente nos seus *horizontes de retrospecção*.

Vejamos como esses fenômenos ocorrem em *A Arte de Língua de Angola*, de Pedro Dias, a primeira gramática aqui referida, após a qual, passaremos a analisá-los também em outra, a *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, de autoria de Héli Chatelain.

2. A ARTE DE LINGUA DE ANGOLA

A Arte de Língua de Angola, de 1697, foi escrita pelo padre jesuíta português Pedro Dias. Segundo afirma a professora Maria Carlota Rosa, da UFRJ, especialista que tem se dedicado, no Brasil, ao estudo dessa *Arte*, autora de uma recente (2013) edição fac-similar da obra, com estudos introdutórios, “não há muita informação sobre a vida do autor”, que

nasceu em 1621 ou 1622, e morreu na Bahia em 25 de janeiro de 1700 (cf. ROSA, 2013, p. 23). Ainda, segundo Rosa (*op. cit.*), “não se sabe quando aprendeu a língua de Angola, mas, de acordo com Serafim Leite (1938-1958, vol. VIII, p. 199 *apud* ROSA, 2013, p. 24), Pedro Dias “já a sabia em 1663”, “sem jamais haver pisado em terras angolanas” (REGINALDO, 2005, p. 38, n. 81 *apud* ROSA, 2013, p. 24).

O título da gramática de Pedro Dias, de acordo com a autora (*op. cit.*), reflete o uso do topônimo pelos portugueses da época. *Angola* ou *Costa de Angola* para os europeus do norte no período do tráfico negreiro incluía não somente a costa da atual Angola, mas também, conforme entende a mesma autora, na denominação atual, a da República Democrática do Congo, Congo e se estendia até o Cabo Lopes, no Gabão. As informações reunidas pela professora Carlota Rosa dão nota de que “[a] Angola do título já é, no século XVII, o *reino e conquista de Angola*, antigo reino do Dongo, formado por volta do século XIV entre os rios Cuanza e Lucala”, portanto, “[o] título fará sentido ao se perceber que a obra não fala da República de Angola, mas de outra Angola, aquela que, na época em que a *Arte* foi escrita” (ROSA, 2013, p. 34-19).

Língua de Angola é, na *Arte*, a língua dos ambundos⁸, e quanto a isso, segundo Rosa (*op. cit.*), Pedro Dias não deixou dúvidas. Podemos conferir especialmente às páginas 10, 22, 33, 39, 40-43, 46, 47 da *Arte* a este respeito. Assim sendo, a *Arte de Língua de Angola* “é a primeira descrição do quimbundo – por dois séculos, [será] a única [...]” (ROSA, 2013, p. 22).⁹ Trata-se, portanto, da descrição de uma língua e não de um jargão ou um *pidgin*, segundo alguns há pouco defendiam, conforme Rosa (2013, p. 39-40) apontou na discussão desenvolvida a respeito. O que vale dizer que “[em] uma obra resumida [48 páginas], Pedro Dias apresenta um complexo sistema morfológico de classes, de concordância com todas essas classes, as exceções, o sistema verbal e as demais partes do discurso” (ROSA, 2013, p. 40), tais como: advérbios, interjeição e conjunções.

8 Mais tarde, “às denominações que deveriam ser evitadas [para se referir à língua de Angola, língua angolense, língua bunda e Kimbundu] Chatelain juntou ambundo [talvez por seu aspecto pejorativo], então em uso entre ‘os brancos de Angola’. Ambundo significaria ‘os pretos, não sua linguagem’”, conforme observado e citado por Rosa (2019, p. 58).

9 Para um estudo mais aprofundado sobre os outros testemunhos gramaticais acerca dessa língua, ver Rosa (2019).

Mas uma questão persiste: uma vez que havia, e ainda há, uma grande quantidade de outras línguas faladas¹⁰ na região que compreendia a língua da Angola descrita na *Arte*¹¹, Dias não teria descrito uma *língua geral* ou *franca*, já que ele mesmo apontou a existência de um modo de dizer “mais claro e comum a todas as línguas Ambundas” (DIAS, 1697, p. 24) e se referiu, conforme também reproduziu Rosa (2013), à “variedade das terras e nações”? (DIAS, 1697, p. 24 *apud* ROSA, 2013, p. 35). Ou o que teria percebido teria sido a variação dialetal? Conforme também indagou a professora Rosa (*op. cit.*).

Embora Alencastro (2009, p. 22) tenha defendido a hipótese de que a *Arte da Língua de Angola* havia estudado “uma forma de língua geral angolana falada entre negros da Bahia”, baseando-se no fato de que essa *Arte* tenha sido redigida em Salvador, a partir do “conhecimento de informantes e colaboradores africanos, ladinos, missionários e negreiros da Bahia” (ALENCASTRO, 2009, p. 22 *apud* ROSA, 2013, p.38) e que por haver sido “escrita fora da África por um não nativo e contando com consultores nem sempre nativos de quimbundo” (ROSA, 2013, p. 38), não deveria ser o quimbundo em si, mas “o quimbundo tal como ele era falado no Brasil” (ALENCASTRO, 2009, p. 23), preferimos corroborar com os argumentos de Rosa (2013) e Bonvini (2008), que defendem a hipótese de que “[n]ão se trata, de maneira nenhuma, de um *pidgin* ou de uma língua mista” mas de uma “língua em sua integralidade, próxima da que é falada atualmente em Angola” (BONVINI, 2008, p. 38 *apud* ROSA, 2013, p. 38), e compartilhar da mesma opinião de Chatelain (1894, I, p. 23), para quem a *Arte* de Pedro Dias era “A very short, but pretty correct, sketch of Ki-mbundu grammar”.

Pelo que foi discutido até o momento, pensamos, principalmente na esteira dos estudos de Rosa (2013), tratar-se de uma obra resumida, de 48 páginas, em que Pedro Dias

10 Rosa (2013) reporta-se a informações do *Ethnologue* para dar conhecimento de que “em Angola há 41 línguas, seis delas consideradas nacionais”, das quais, “[a]tualmente, o quimbundo é a segunda língua [...] mais falada [...], apesar de o levantamento não contar com números precisos” (ROSA, 2013, p. 19-35).

11 Rosa (2013) adverte que “o restante do título (isto é, língua de Angola) pode também ser um obstáculo para um leitor contemporâneo, ou porque pode levar a crer que em Angola se fala apenas uma língua, ou porque, sabendo-se que em Angola falam-se muitas línguas, pode parecer um enigma, ao não permitir identificar de imediato qual dentre elas foi destacada. A dificuldade de entendimento surge caso se atribua a *Angola* o entendimento geopolítico atual: um grande país centro-africano. Pedro Dias, porém, não escreveu tendo o mapa da atual República de Angola por base, porque as fronteiras da África moderna começaram a ser definidas no final do século XIX, após a Conferência de Berlim de 1884-1885, num processo que ficou conhecido como *Partilha da África*” (ROSA, 2013, p. 32).

apresentou um complexo sistema morfológico de classes, de concordância com todas essas classes, as exceções, o sistema verbal e as demais partes do discurso. Trata-se, portanto, da descrição de uma língua e não de um jargão ou de um *pidgin* ou de *língua geral* ou *franca*, e na qual também, acrescentamos nós, se verificaram e se registaram (porque isto é inerente às línguas) aspectos relativos à *variação linguística*. É o que demonstraremos no próximo item.

2.1 A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO NA ARTE DE LÍNGUA DE ANGOLA DE 1697, DE PEDRO DIAS

2.1.1 VARIAÇÕES NO EMPREGO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVO E NOS VERBOS IMPERFEITOS

Ainda que haja na obra, como veremos mais adiante, outras formas de Pedro Dias se referir à variação linguística, o único emprego de “modos de falar” encontrado na *Arte de Língua de Angola* de 1697, referindo-se ao caráter “sociolinguístico” dado por essa expressão, é quando o gramático trata dos “*Nomes demonstrativos meus, tuus &c.*”, (o que na atual metalinguagem sobre a língua portuguesa entenderíamos por pronomes possessivos), e dá a seguinte explicação para o seu emprego:

Para estes [nomes demonstrativos] fervem as mesmas partículas assim do singular, como do plural, acrescentandolhe as letras A, üà, rià, quià, cuà, luà, tuà Plur. A, yà, gia, tua. v.g. Mutuüami, peffoa minha. Mubicaüae efcravo seu. Plur. Mubicaüetu, efcravo noffo. Mubicaüenu, efcravo voffo. Abicào, efcravos feus (DIAS, 1697, p. 10).

E para explicar, em forma de advertência, as variações encontradas nessa língua, a partir do emprego desses pronomes demonstrativos, por ele descritos, o gramático assim procede: “Advirta-fe que no *modo de fallar* [os usuários] fazem algüas vezes *finalefa*¹². v.g. Mubicàe, efcravo feu.” (DIAS, 1697, p. 10) (sublinhamos).

Sua explicação para este tipo de emprego das referidas partículas (que aparecem sob as diversas formas no uso dos “pronomes demonstrativos” = pronomes possessivos) é que

12 Segundo Coutinho (2005 [1938], p. 148), “*sinalefa* ou *elisão* é a queda da vogal final de uma palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal”, como, por exemplo, na formação das palavras *dentro* (de+intro) e *daquele* (de+aquele).

“custumaõ muitas vezes ufar dellas os Ambundos, pondo hũas por outras”. Isso ocorre, segundo o gramático, “por caufa das variedades das linguas Angolanas”, embora ele ressalte o fato de que os utentes empreguem diferentes formas sempre no mesmo sentido: “Mas fempre fazem o mefmo fentido” (cf. DIAS, 1697, p. 10).

A causa para esse aspecto, diríamos hoje, variacional da língua descrita por Dias, encontra-se na explicação dada por ele mesmo, e que, como veremos, não estará totalmente afastada da comparação que o gramático estabeleceu, pelo menos neste trecho, entre a estrutura morfossintática desta língua com a da língua portuguesa, embora Rosa (2013) argumente que o quimbundo seja uma língua sem traços paralelos no português (o que de fato é) e de que o modelo para a sua descrição tenha sido a gramática latina do padre Manuel Álvares (ROSA, 2013, p. 40-68)¹³. De qualquer modo, o que não podemos perder de vista é que, ainda que o modelo fosse latino, a *Arte* fora escrita em português, língua que também estava no horizonte do gramático por ser a sua língua materna. Ademais, quer fosse pelo latim, quer fosse pelo português, o que não se pode deixar de notar é que o trecho comentado na descrição da variação toma por base algum modelo de língua culta: “porque naõ variaõ totalmente a fultancia dos nomes , & verbos , ainda que o idioma naõ fique muy culto” (DIAS, 1697, p. 10). O que também não descarta a hipótese de o modelo tratar-se do mesmo quimbundo, que, praticado de forma simplificada pelos ambundos para a comunicação com os europeus, foi alvo de crítica de Dias, conforme aventou Rosa (2013). Para que possamos visualizar o trecho como um todo, vejamos o seguinte excerto:

Deve-fe notar, que as ditas particulas custumaõ muitas vezes ufar dellas os Ambundos, pondo hũas por outras, por caufa das variedades das linguas Angolanas. Mas fempre fazem o mefmo fentido; porque naõ variaõ totalmente a fultancia dos nomes , & verbos , ainda que o idioma naõ fique muy culto (DIAS, 1697, p. 10).

Outro aspecto que nos interessará de perto, porque diz respeito ao caráter heterogêneo dessa língua africana descrita por Pedro Dias, será o relativo aos “*verbos imperfeitos*”, que, conforme descreve o gramático, somente com o uso pode-se entender.

13 No contexto da citação, diz a autora: “O modelo para a descrição foi Manuel Álvares, mas o quimbundo é uma língua banta, sem parentesco, portanto, com o português ou o latim” (ROSA, 2013, p. 68).

Segundo Dias, “compoem-fe eftes verbos das particulas peffoaes ditas acima [na página. 11]¹⁴. E nem todos guardaõ efta regra, porque variaõ, & fó com o ufo fe podem faber” (DIAS, 1697, p. 23).

Curiosamente, a obra finaliza-se com exemplos das variedades de usos de alguns advérbios, conforme aponta Dias (1697): “Para fe explicar nefta lingua a partícula ut, para que, ufa-fe do adverbio Da, que fignifica, para que. v.g. Nzambi üabanga atu nda aye coülo. Deos fez os homens, para , ~q vão ao Ceo. O exemplo eftá em nda, antes do verbo aye”. Em seguida, o gramático arrola vários exemplos de frases, para mostrar que “Ha outros modos de explicar o mefmo fentido” (DIAS, 1697, p. 48), a partir de diferentes empregos do verbo:

Ha outros modos de explicar o mefmo fentido, os quaes ponho aqui para maior noticia.

Primeiro modo: ufar do gerundio em di.v.g. Nguiculonga o pango ya cuya co eulu. Eu te enfino o modo, & traça de ir para o Ceo.

Segundo por relativo, v. g. Nguiculonga quigilo quimoxi ne uyè naquio co eulu. Eu te enfino hum preceito com o qual vas ao Ceo.

Terceiro, he poro fegundo verbo no Imperativo, como accufativo do primeiro, v. g. Nguiculonga o übica üanzambi lunda o. Enfnote a ley de Deos, guarda-a. O exemplo eftá em lunda o, imperativo do verbo nguilunda com o relativo de übica.

Quarto modo he, pór o fegundo verbo no imperativo, v.g. Ngacuriondo, nguiloloque. Peçovos, perdoayme. O exemplo eftá no imperativo, nguiloloque.

FINIS, LAVS DEO¹⁵. (DIAS, 1697, p 48).

2.2.2 OUTROS ASPECTOS DA VARIAÇÃO PRESENTES NA ARTE DE PEDRO DIAS

Há outros aspectos da variação presentes, por exemplo, nas notas de rodapé apostas por Rosa (2013), na edição que ela preparou e que apresentaremos abaixo:

Rosa comenta, por exemplo, que tanto *riembe* quanto *embe* aparecem na mesma página na *Arte* de Pedro Dias, a saber, a página 04, o que de fato acontece. Segundo Rosa (op. cit.) Cordeiro (1893: 136) e Nascimento (1903: 94) apontam como formas de plural, *mariembe* e *membe*. Segundo Nascimento, citado por Rosa (2013, p. 137), “*mariembe* tinha

14 Ao dar início à “*Conjugaçaõ dos verbos*”, Dias (1697, p. 11), assim as apresenta: “As partículas diftintivas das peffoas, faõ as feguintes: Singul. i. Ngui, 2. ü, 3. ü. Plur. i. Tu, 2. Mu, 3. A.”.

15 Forma latina: “Fim. Deus seja louvado”.

uso em Luanda, ao passo que o outro plural era empregado no Sertão”. Vemos aqui já um aspecto da variação geográfica.

Tanto *riembe* quanto *embe* são traduzidas, respectivamente, na *Arte* de Pedro Dias como *rola* e *pombo*. Os exemplos são apresentados quando Pedro Dias explica sobre os *nominativos*. E neste particular afirma que “naõ tem eflta lingua declinações, nem cafos; mas tem fíngular, & plural” (DIAS, 1697, p. 4). No caso de *embe*, o exemplo é exposto nas “Regras para faber o plural pelo singular e para adjetivar o sustantivo com adjetivo no singular e plural”, em que o gramático descreve (ou preceitua?) que “todos os nomes que no fíngular começarem pelas fyllabas ou letras abaixo, começarão no plural em **Ma**, & feu adjectivo no fíngular começará em **Ri**, e no plural em **A**”, daí o exemplo: *embe* [pombo] *maembe* [pombos], ou seja, singular e plural.

Trinta e um anos depois, em português, o Dicionário de Bluteau (1728) dá as duas entradas, com acepções diferentes e não como sinônimos. Atualmente, do ponto de vista da biologia animal, tanto *pomba* quanto *rola* são aves denominadas *columbidae* que pertencem à família de aves *columbiformes* que inclui os pombos, **pombas**, picaús, **rolas** e rolinhas.

Portanto, quer seja antes, quer seja agora, esses animais não eram e não são vistos como iguais, daí, no nosso entender, Pedro Dias tê-los apresentados com variações nos nomes, uma vez que não se referiam à mesma e única espécie de ave, embora pertencentes à mesma família, em uma espécie de registro de *hiperônimos* e *hipônimos*. Não é de se admirar, portanto, que tanto *riembe* quanto *embe* estejam arroladas na mesma página com composições morfológicas diferentes.

Passemos agora à análise dos dados variacionistas presentes na *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola*, de Héli Chatelain.

3. GRAMMATICA ELEMENTAR DO KIMBUNDU OU LINGUA DE ANGOLA

De acordo como dados de Rosa (2019), Héli Chatelain (1859-1908) nasceu na Suíça, mas em 28 de fevereiro de 1891, aos 32 anos, veio a adquirir a cidadania norte-americana,

segundo dados de Moser (1983). Estava com 25 anos quando se reuniu à missão metodista do Bispo William Taylor (1821-1902).

Estudar línguas era uma de suas funções na missão. Chatelain tinha como línguas nativas o francês e o alemão e já dominava seis outras antes da vivência na África, o inglês, italiano, espanhol, grego, latim e hebraico. Segundo Moser (1983, *apud* ROSA, 2019, p. 69), “Chatelain começou a estudar quimbundo (e também português, suaíle e zulu) a bordo do navio que o levou de Lisboa para Luanda como participante do projeto missionário do Bispo Taylor na primeira das viagens que faria para Angola”.

Para escrever as obras sobre o quimbundo Chatelain contaria com um informante de nome Jeremias. Birmingham (2006), segundo Rosa (2019) parece atribuir a autoria das obras linguísticas a ambos. Outro aspecto importante é que Chatelain forma-se, e, portanto, escreve sua gramática, em um contexto diferente do de Padre Pedro Dias. Enquanto o autor de *Arte de Língua de Angola* segue os preceitos da gramática latina estendida (GLE), conforme vimos anteriormente, em pleno contexto da *Contrarreforma* e seguindo o modelo descritivo da *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572), de Manuel Álvares, aplicando conceitos como declinação e casos como nominativo, acusativo, ablativo, etc., a *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola* de Chatelain, por sua vez, inscreve-se sob a rubrica da filologia e da linguística histórico-comparativa alemã do final do século XIX, trabalhando fortemente com a perspectiva, ou a partir do nível morfológico, em que as noções de prefixo e sufixo são empregadas na formação das diversas lexias.

Esta segunda obra, diferentemente da *Arte de Angola* de Pedro Dias, foi publicada na época áurea da linguística e filologia alemã do século XIX. Período em que a linguística, inicialmente, aplicava às línguas o método comparativo e, depois, associado a este, o histórico. É claro que tais metodologias abririam mais espaço para a descrição voltada para os fatos da variação e da mudança linguísticos e depois, para uma disciplina exclusiva sobre eles (ver Moraes, 2015). Essa abordagem é vista nas páginas da gramática de Chatelain.

3.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Ao mencionar que “o primeiro livro [...] impresso em kimbundu, e o segundo em qualquer língua africana” havia sido “o Catechismo do Padre Pacconio, intitulado: ‘Gentio de Angola sufficientemente instruido, etc. Obra posthuma do P. Pacconio C. J. reduzido a methodo mais breve pelo P. Antonio do Couto C. J. Lisboa, 1642’”, Chatelain (1888/89, p. XV) demonstra haver em si, por assim dizer, uma consciência “sociolinguística” muito aguçada. Ele afirma, por exemplo, citando Cannecattin, que nesta obra, isto é, no catecismo do padre Pacconio, “verteu o autor da lingua portuguesa na [língua] bunda varias cousas pertencentes á doutrina christã, fazendo igualmente algumas explicações da mesma doutrina em dialogo”.

Chatelain informa ainda, com relação a esta mesma obra, que, “no principio e fim da segunda e terceira edição se encontram algumas regras grammaticaes, que se acham no Cathecismo da primeira edição, e só o que ha de mais nas sobreditas edições são umas regras brevissimas, *e sem nenhum exemplo, das quaes algumas não estão em uso, o que faz presumir que na lingua bunda tem havido alguma variedade*” (idem, sublinhamos). Hodiernamente, claro está, pois, segundo os pressupostos da Linguística Variacionista ou Laboviana, que todo sistema está sujeito à mudança; de modo que “mudança implica variação: mudança é variação” (LABOV, 1992). Como se vê, esta mesma noção já está entrevista aqui na gramática de Chatelain.

A noção de *variação e mudança* como fenômenos linguísticos interligados avança de maneira tão interessante e clara no discurso de Chatelain que a seguinte afirmação poderia ter sido proferida por qualquer um dos sociolinguistas ou linguistas diacronistas, nossos contemporâneos. Chatelain (1888/89, p. XVI) afirma que “o dialecto em que está escrito [o catecismo do Padre Pacconio] não é o moderno de Loanda, nem exactamente o d’Ambaca; será talvez o que se falava no século XVII na missão de Cahenda (concelho de Ambaca)”. E para comprovar essa sua hipótese de mudança linguística, ele apresenta exemplos sobre a partícula de negação na variante descrita, ilustrando, deste modo, essa observação diacrônica. Para ele: “São interessantes, a negação por meio de *ne* em vez de *ki*, a forma archaica dos pronomes suffixos e a falta de contracções, o que permite provar sem replica por que processo se effectuaram as contracções modernas” (idem).

3.2 A ÁREA DIALETAL EM QUE O QUIMBUNDO ERA FALADO PELAS OBSERVAÇÕES DE CHATELAIN (1888)

Depois de fazer uma espécie de inventário não só linguístico, mas, sobretudo, etnográfico acerca dos diversos povos e das diversas línguas faladas na região estudada, Chatelain (1888) afirma que o Quimbundo, língua das tribos do centro-norte de Angola, nomeadamente da região de Luanda, subdividia-se, em uma primeira aproximação, em dois dialetos, a saber: “o fallado por povos absolutamente gentios, e o Kimbundu propriamente dito, fallado pelos indigenas em parte semi-civilizados dos concelhos acima enumerados, os quaes são governados por chefes portugueses e sobas avassalados (CHATELAIN, 1888 p. XIII, notas preliminares). Essa observação é importante, no sentido de que Chatelain já observava uma certa diferenciação no quimbundo, quando ele estava sob a influência do português, ou digamos, sob a influência da cultura ocidentalizada dos portugueses.

3.3 VARIAÇÃO SOCIAL

O próximo trecho de seu comentário é bastante interessante quanto a este aspecto da influência ou não sofrida pelo quimbundo; o que, a depender da proximidade dele com a língua do colonizador, no caso, o português, poderia afastá-lo mais ou menos daquilo que Chatelain chamará de “o kimbundo mais puro”. Observa-se: “a darmos credito á tradição e á opinião de muitos naturaes, o dialecto dos Jingas seria o kimbundu mais puro, o que se falava na antiga côrte de Angola ou Ndongo” (CHATELAIN, 1888, p. XIII). Por este comentário, é natural supor que a variação existia, inclusive, do ponto de vista “diatrático”, ou a “variação sociocultural”, nos dizeres de hoje. Haja vista que o dialeto da corte fosse mais “puro”, talvez, querendo dizer com isso haver uma diferenciação em relação ao dialeto falado pelo resto do povo, no sentido daquilo que entendemos hoje por mais “culto”, ou, *sociolinguisticamente* mais ligado às elites.

Tal percepção acerca das variações ocorridas no interior das línguas é modernamente formulada desde Schuchardt (1885), para quem as línguas estão condicionadas socialmente,

seja ou pela ação da escola ou de indivíduos de outras classes sociais, tais como: príncipes, cortesões, atores, enfim, de pessoas especialmente influentes na sociedade.

E nessa sua atenta observação dos diversos dialetos e mesmo línguas mais ou menos aproximadas ao quimbundo, Chatelain acautelou-se quanto a considerar a língua dos Mahungo como um dialeto pertencente ao quimbundo. Vejamos:

Por enquanto não sabemos se devemos contar a língua dos Mahungo (Mahungu), que occupa uma posição intermediária, tão geographica como linguisticamente, entre o Kimbundu e o kixikongo, como uma língua separada ou se podemos incluí-la no grupo Kimbundu (CHATELAIN, 1888, p. XIII).

E nisto, podemos dizer que Chatelain antecipadamente obteve sucesso, já que, hoje, os especialistas consideram que o “Sosso”, a língua do povo *Mahungo*, “se assemelha mais ao Kikongo do que ao Kimbundu” (cf. GABRIEL, 1982, p. 31 e SERROTE, 2015, p. 38).

3.4 VARIAÇÃO DIATÓPICA

Mas não é apenas nisso que o depoimento e o registro de Chatelain (1888/89) impressionam quanto aos aspectos variacionistas dessa língua de Angola. Chatelain afirma mesmo que “se quizessemos notar todos os matizes de pronúncia e todas as diferenças lexicológicas e morfológicas, teríamos de subdividir o kimbundu em quase tantos ‘patois’, quantas são as villas e povoações do districto de Loanda” (CHATELAIN, 1888/89, p. XIII), mostrando com isso que havia de fato variação linguística nessa língua, e que tal alteração se representava inclusive como diatópica ou, se preferirmos, dialetal geográfica, ou ainda variação no espaço, mas, também, como variação social porque, segundo Mota (1994, p. 107), “apesar do nivelamento social dos seus falantes e na ausência de condicionantes externas que desencadeiem mudança de estilo, há [nas línguas] evidências de variação”. Por sua vez, Labov (1976) prova que esta é uma característica intrínseca dos dialetos e, logo, do sistema de uma língua, porque as línguas são produtos sociais, “também inserida num complexo social; dito de outro modo, em correlação com certas mudanças sociais” (LABOV,

1976, p. 381). Ou seja, a língua é uma manifestação social e, como a sociedade, ela é heterogênea.

Mas ainda quanto a esse aspecto, as observações de Chatelain (1888) em relação aos dialetos tendiam tanto para a análise quanto para a síntese: o gramático afirmava que “entre todos porém avultam dous [dialetos]: o de Loanda, e como typo [típico?] dos do sertão, o d’Ambaca”. Neste sentido, dedica-se a apontar as aproximações e distanciamentos entre eles, pois, conforme afirma, “em toda a grammatica vão apontadas as diferenças mais importantes que distinguem o dialecto do sertão do de Loanda e consagramos toda a página 150 ao seu esclarecimento” (CHATELAIN, 1888/89, p. XIII).

3.5 ATITUDE LINGUÍSTICA

A variante que serviu de base para a sua descrição é a de Luanda. A razão dessa escolha, segundo Chatelain, se deveu “não por ser o mais importante ou mais cultivado, mas unicamente por ser o da capital e mais difficil e *porque os Loandenses affectam um desprezo tão grande como ridículo, por todas as variantes dialectaes do sertão, ao passo que os povos do sertão se mostram mais tolerantes e razoáveis*” (CHATELAIN, 1888/89, p. XIII, grifamos) com os falantes da capital. Cabe aqui uma pergunta: quer dizer, “não por ser o mais importante ou mais cultivado” do ponto de vista de quem? Porque, conforme a própria informação trazida pelo gramático, os luandenses mantinham – ou “affecta[va]m”, segundo as suas próprias palavras – “um desprezo tão grande como ridículo, por todas as variantes dialectaes do sertão”. Desde um ponto de vista *sociocultural* e *sociolinguístico*, tal informação não pode ser percebida de uma maneira neutra, ou mesmo, ignorada.

Há aqui importante testemunho, que traz duas informações, ou melhor, dois *fenômenos sociolinguísticos* consideráveis: um decorrente do outro. O primeiro diz respeito ao fato de haver, entre os falantes da capital Luanda, de então, aquilo que em sociolinguística atualmente tem-se denominado *atitude linguística* (HALLIDAY, 1974; LEITE, 2008). O segundo fenômeno diz respeito à atitude mesma, pode-se dizer, *preconceituosa* dos falantes da capital com relação aos do interior, isto é, do “sertão”, se levarmos em consideração as mesmas observações de Chatelain.

Com relação ao primeiro fenômeno, Halliday (1974, p. 100) esclarece que “a variedade de acordo com o usuário é um DIALETO” e que “a variedade de acordo com o uso é um REGISTRO”. Diante disso, indaga o linguista, “que atitudes os falantes manifestam com relação à sua língua e a alguma, ou todas, as suas variedades?”.

Normalmente, essa atitude, segundo Leite (2008, p. 13), “revela o comportamento de um falante diante da linguagem de outro”. E como tudo o que diz respeito à linguagem, ainda segundo Leite (op. cit., p. 14), “a atitude linguística não pode ser apenas interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua, Antes de tudo, como sabemos muito bem, a linguagem é social, plena de valores”, porque a linguagem é “axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra sua ideologia”, ou, para usarmos uma palavra menos marcada para o contexto analisado, diríamos nós, o falante mostra a sua *visão de mundo* mediante a língua.

Portanto, a afirmação segundo a qual “os Loandenses affectam um desprezo tão grande como ridículo, por todas as variantes dialectaes do sertão, ao passo que os povos do sertão se mostram mais tolerantes e razoáveis”, mostra justamente duas *atitudes linguísticas* diametralmente opostas. Por lado, a dos falantes da capital Luanda, menos tolerantes com os falantes do interior, mostrando, segundo Chatelain, “um desprezo tão grande como ridículo” para com as variantes deles. Enquanto que, por outro lado, os falantes do interior, isto é, do sertão, “mostra[vam-se] mais tolerantes e razoáveis”, para com os falantes da capital.

E para aqueles que pensam que a *atitude linguística* é um fenômeno que não se poderia aplicar ao quimbundo, porque não se teria exemplo dele nesta língua, ou por talvez pensarem que a *atitude linguística* pudesse ser restrita somente aos falantes das chamadas línguas modernas¹⁶, e suas variantes por essas serem as representantes do mais alto grau da cultura e da civilização ocidental, estão redondamente enganados. Não só os falantes do *quimbundo* apresentavam/ apresentam tal comportamento, como os falantes de uma outra língua africana também o apresentavam/ apresentam. É o caso do *igbo*, língua falada onde atualmente se encontra a Nigéria, que nos serve de mais um exemplo.

16 Como, por exemplo, o inglês, o francês, o alemão, o espanhol e o português.

3.5.1 A ATITUDE LINGUÍSTICA É UM FENÔMENO UNIVERSAL?

A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico (2012)¹⁷, do escritor nigeriano Chinua Achebe (1930-2013), mostra exatamente um exemplo neste sentido. Achebe conta uma interessante história de sua mãe, ocorrida na virada do século XIX para o XX, durante o contexto daquilo que ficou conhecido como *a partilha da África*, ou *Colonização da África* pelas potências europeias¹⁸. O relato, que abre o ensaio e que, inclusive, serve de título ao livro, trata-se de quando sua mãe foi levada para morar e trabalhar na casa de Miss Edith Ashley Warner, diretora da recém-fundada *Escola para moças Santa Mônica*, cuidando dos afazeres domésticos em troca de educação e sustento.

Achebe conta que uma noite Miss Warner, que, por não ter os próprios dentes, fazia uso de dentadura, disse à sua mãe para comer a comida no prato e depois lavá-lo com cuidado. Diz Achebe (2012, p. 19): “Parece que ela estava aprendendo o idioma igbo e o usou nessa ocasião. Ela disse: ‘*Awakwana afele*’, que deveria significar ‘Não quebre o prato’, só que os verbos igbo às vezes são bem complicados.” Achebe, grande contador de histórias que é, continua a narrativa no seguinte tom: “Minha mãe não se conteve e deixou escapar uma risadinha mal reprimida, o que foi um grande erro. Aquela dama vitoriana não achou a mínima graça. Pegou um enorme pedaço de pau e deu-lhe uma tremenda surra” (idem). Além da surra, Achebe afirma que a referida dama “mais tarde chamou” sua mãe e deu “um sermão sobre boas maneiras: ‘Se eu falar errado seu idioma, você deve me dizer qual a maneira certa; mas é errado rir de mim’, ou algo do gênero” (idem).

Achebe completa o relato dizendo que ouviu sua “mãe contar essa história muitas vezes”, e que toda a vez que a ouviam, riam de novo, diz ele, pois “‘*Awakwana afele*’ é uma *maneira de falar de bebezinhos, que soa absolutamente hilária*” (ACHEBE, 2012, p. 19, sublinhamos).

17 Coletânea ensaística em que o escritor nigeriano Chinua Achebe (1930-2013) reúne textos apresentados, ao longo de sua carreira, em palestras, conferências e homenagens a outros escritores, além de passar em revista momentos decisivos de sua relação com a criação ficcional, a política e a cultura.

18 A obra de Chatelain aqui analisada, inclusive, é fruto desse contexto político, cultural e missionário.

Há também uma passagem, do mesmo Achebe, em *Things Fall Apart* (1958) [*O mundo se despedaça*]¹⁹, em que o narrador relata a interação entre um dos missionários cristãos e o povo de Mbanta, uma das aldeias ibo representadas no romance. Essa interação se dava com a ajuda de um intérprete, que, embora também fosse ibo, seu dialeto era diferente e soava desagradável aos ouvidos do povo de Mbanta, conforme diz o narrador. Há aí também o depoimento de uma *atitude linguística* por parte dos ibos, falantes de dialetos diferentes entre si. Vejamos o trecho em questão:

Quando o povo estava todo reunido, o homem branco começou a falar. Comunicava-se com a ajuda de um intérprete, que também era ibo, embora seu dialeto fosse diferente e soasse desagradável aos ouvidos do povo de Mbanta. Muitos começaram a rir, achando engraçado o dialeto e a maneira esquisita com que o intérprete empregava as palavras. Em vez de dizer “eu próprio”, por exemplo, ele sempre dizia “meu traseiro” (ACHEBE, 2019 [1958], p. 164).

Como se pode notar, o julgamento da fala de uma pessoa não falante, ou aprendiz da língua igbo, soou como algo infantilizado para aqueles cujo igbo era sua língua materna, no primeiro caso. Enquanto, no segundo caso, vemos a reação dos falantes de um dialeto dessa língua. Eles acharam “engraçada”, “desagradável” e julgaram “esquisita” a variação usada pelo falante da mesma língua, mas com outro dialeto. Em ambos os casos, o julgamento veio em forma de riso, de caçoo, de desagrado e a forma de falar do outro vista como esquisitice.

Portanto, com dois esses exemplos, mais o que apresentamos anteriormente, a partir dos testemunhos de Chatelain, em sua gramática do quimbundo, finalizamos e podemos afirmar que a *atitude linguística*, conforme definiu Halliday (1974), como manifestação dos falantes com relação à sua língua e a alguma, ou todas, as suas variedades, é um fenômeno que se encontra presente em todas as línguas, embora como afirma Leite (2008, p. 14), ela não possa “apenas ser interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua”, já que por ser social, ela é plena de valores.

19 Primeiro romance de Chinua Achebe, publicado em 1958 no Reino Unido. A obra foi lançada dois anos antes da independência da Nigéria, sendo considerada uma das mais importantes da literatura africana do século XX e tido como fundadora da moderna literatura nigeriana. Nela, Achebe retrata a história do guerreiro Okonkwo, da etnia ibo, estabelecida no sudeste da Nigéria. Okonkwo, um dos principais opositores dos missionários brancos, precisa encarar a desintegração da vida tribal e de tudo que conhecia até então.

Completado este percurso, passemos agora às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja em relação à variação observada nos “*verbos imperfeitos*”, seja em relação à variação descrita e exemplificada nos diversos modos de explicar o mesmo sentido a partir do emprego do gerúndio e dos diferentes empregos dos verbos no imperativo, com os quais Pedro Dias encerra sua *Arte*, poderíamos apor aqui as considerações atuais de Camacho (2011) sobre o fato de a variação não ser “um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, **a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico**” (CAMACHO, 2011, p. 35).

Por muitos aspectos a *Arte de Língua de Angola*, de Pedro Dias, não poderia faltar em uma abordagem sobre a variação linguística registrada em instrumentos de tradição gramaticográfica portuguesa, mas o motivo mais importante, talvez, seja o fato de que, dentre muitas línguas africanas levadas ao Brasil, então colônia, o quimbundo tenha dado contribuição importantíssima ao português do Brasil, indiscutivelmente quanto ao léxico, conforme a própria história da língua nos dará testemunho. Para nós, para além disso, um outro motivo igualmente importante, quando entrevemos a variação linguística sendo descrita em um instrumento sobre esta importante língua, que é o quimbundo, é o fato de percebermos o quanto não só a língua portuguesa, como também as diversas línguas que contribuíram com a sua (trans)formação, então estiveram, assim como ainda estão, em constante variação que, por vezes, levam à mudança.

A mesma avaliação é possível ser feita com relação à *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola* de Héli Chatelain. Como vimos, sua obra também está repleta de fatos da variação. Chatelain teve o cuidado de registrar cada um deles: a descrição etnográfica, geográfica e dialetal da área em que o quimbundo era falado; sua variação social; a variação diatópica; a variação e a mudança linguísticas, e até mesmo um fenômeno

considerado tão moderno quanto o da atitude linguística. Enfim, todos esses fenômenos são encontrados na língua que Chatelain descreveu.

Por fim, cabe registrar que nosso trabalho, desde Moraes (2015, 2017a e 2017b), o qual o presente texto vem a se somar, tem sido o de demonstrar quanto à heterogeneidade linguística – incluindo aí os fatos da variação daquilo que modernamente denominamos na linguística contemporânea como *variação sincrônica* e *diacrônica*, ou mesmo do que temos estudado sob o rótulo de *linguística histórica* –, já estava nos horizontes de preocupações de seus autores, ainda que em contextos científicos, epistemológicos e históricos diferentes dos nossos atuais.

Salvo engano, W. Keith Percival (1976) talvez tenha sido um dos primeiros –juntamente com Dell Hymes –, historiógrafos da linguística a se posicionar contra a aplicabilidade dos conceitos de paradigma e de ruptura de paradigma de Kuhn à História das Ideias Linguísticas. Percival observa que, na história das ideias linguísticas, é praticamente impossível revelar rupturas absolutas; os inovadores, sempre se apoiam, de um modo ou de outro, em teorias preexistentes, trabalham integrando e ampliando as teorias antigas. Diz ele: “Uncritical acceptance of Kuhn’s Theory of scientific revolutions could thus lead to a lowering, rather than a raising, of scientific standards within linguistics”²⁰ (PERCIVAL, 1976, p. 292). Não há neste sentido, uma verdadeira descontinuidade entre as correntes e as escolas linguísticas ou entre contextos históricos distintos. Ou conforme afirmam Colombat, Fournier e Puech (2010), nas ciências da linguagem, diferentemente do que ocorre nas ciências físicas, por exemplo, as continuidades parecem ser mais essenciais do que as rupturas. Isso porque, conforme já vimos anteriormente, segundo os mesmos autores, “uma disciplina tal como a gramática, [está] caracterizada, ao mesmo tempo, tanto pela ancianidade de sua origem quanto por sua orientação didática, presente no longo termo dos fenômenos notáveis de estabilidade e de reprodução marcantes” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 241). O presente estudo *sobre os fatos da variação linguística no quimbundo* dos séculos XVII e XIX esta aí para prová-lo.

20 Traduzimos: “A aceitação acrítica da teoria das revoluções científicas de Kuhn poderia, portanto, levar a uma redução, em vez de um aumento, dos padrões científicos dentro da linguística”.

REFERÊNCIAS

Fonte Primária

DIAS, Pedro. ARTE/ DA LINGVA DE/ ANGOLA,/ OEFERECIDA/ A VIRGEM SENHORA N. DO ROSARIO,/ Mãy, & Senhora dos mefmos / Pretos,/ Pelo P. PEDRO DIAS/ Da Companhia de Jesu./ [símbolo da Companhia de Jesus] / LISBOA, / Na Officina de MIGUEL DESLANDES, / Impreffor de Sua Mageftade./ Com todas as licenças neceffarias./ Anno 1697.

Estudos

ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico*: Ensaio. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. [1ª edição 1958].

ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. Introdução e glossário: Alberto da Costa e Silva. Companhia das Letras/ TAG, 2019.

ANGENOT, Jean-Pierre; KEMPF, Catherine B.; Kukanda, VATOMENE. *Arte da Língua de Angola de Pedro Dias (1697) sob o prisma da Dialectologia Kimbundu*. In: PAPIA 21 (2), p. 231-252, 2011.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992.

AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas, seguido de A Historicidade das Ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas-SP: Editora RG, 2008.

CAMACHO, R. G. *Norma culta e variedades linguísticas*. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de formação: Formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v.11.

CHATELAIN, Héli. *Kimbundu grammar; grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola*. Genebra: Typ. de C. Schuchardt, 1888. Disponível em: <https://archive.org/details/kimbundugrammar00chatgoog>. Acesso em: 07 out. 2019.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005. [1ª edição 1938].

GABRIEL, Nunes Manuel. *A Diocese de Malanje*. Diocese de Malanje, Malanje, 1982.

LABOV, W. *Sociolinguistique*. Paris: Editions de Minuit, 1976.

LABOV, W. *La transmission des changements linguistiques*. In: *Langages*, 26^e année, n° 108, 1992. Hétérogénéité et variation : Labov, un bilan, sous la direction de Françoise Gadet. pp. 16-33. DOI : <https://doi.org/10.3406/lgge.1992.1648>.

MORAES, Jorge Viana de. *Unidade na diversidade: as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a constituição de uma teoria da variação linguística*, 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <[http:// www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23032016-131430/](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23032016-131430/)>. Acesso em: 2016-09-20.

MORAES, Jorge Viana de. *Fatos da variação em gramáticas luso-brasileiras: o horizonte de retrospecto de Serafim da Silva Neto*. In: Anais do X Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística: pesquisa linguística e compromisso político, 7 a 10 de março de 2017, Niterói, RJ / organizado por Luciana Sanchez Mendes, Nadja Pattresi de Souza e Silva e Silmara Cristina Dela da Silva. – Niterói: UFF, 2017a, vol. 4. p. 1895-1908. Disponível em: <http://www.anaisabralin.uff.br/index.php/revista/issue/view/4/Anais%20do%20X%20Congresso%20Internacional%20da%20Abralin%202017> Acesso em: 08 out. 2019.

MORAES, Jorge Viana de. *As Gramáticas Latinas como corpora para os estudos d variação e mudança linguística na obra Serafim da Silva Neto*. *Revista da Abralin*, vol. 16, p. 343-397, 2017b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v16i3.52482> Acesso em: 08 out. 2019.

MOTA, M.A.C. “Línguas em contacto e variação”. In: *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*. Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística. Miranda do Douro, Setembro de 1993. Lisboa: APL/ Edições Colibri, 1994, p. 107-117.

PERCIVAL, W. K. “The applicability of Kuhn’s paradigms to the history of linguistics”, *Language*, 52-2, 1976, pp. 416-420. Disponível em: <http://people.ku.edu/~percival/Kuhn'sParadigms.pdf>. Acesso em: 08 out. 2019.

ROSA, Maria Carlota. *Uma língua africana no Brasil colônia dos Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias*, S. J. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

ROSA, Maria Carlota. *O quimbundo em cinco testemunhos gramaticais*. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, nº 56, 1.º semestre de 2019, págs. 55-114, Rio de Janeiro ISSN-e 2317-4153.

SÉRIOT, Patrick. *Structure et totalité*. Les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1999. [2. ed.: Collection Domaines Étrangers et Langues de France; Limoges: Lambert-Lucas, 2012].

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 10-37. Jorge Viana MORAES.

SERROTE, João Major. *Antroponímia da Língua Kimbundu em Malanje*, 2015. (Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade)- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/16178/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Serrote.pdf . Acesso em: 12 out. 2019.

SCHUCHARDT, Hugo. *Ueber die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker*. Berlin: Oppenheim, 1885.

SCHUCHARDT, Hugo. *Schuchardt contra os Neogramáticos*. [Organização, introdução, tradução e notas de Maria Clara Paixão de Sousa], Campinas-SP: Editora RG, 2010,

ZIMMERMANN, Klaus. “Metahistoriography, methodology and general subjects/ Metahistoriografía, metodología y temas generales – La construcción del objeto de la historiografía de la lingüística misionera”. In.: ZWARTJES, Otto; HOVDHAUGEN, Even. (Eds.) *Missionary Linguistics/ Lingüística misionera: Selected papers from the First ...* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004, p. 7-32.

Envio: Novembro de 2019

Aceito: Janeiro 2020